

“A RODA DOS EXPOSTOS”: ROMANCE HISTÓRICO REVELADOR DA MEMÓRIA DO ASSISTENCIALISMO INFANTIL PRATICADO PELA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE CAMPOS, RJ (1843 - 1864)

"THE WHEEL OF EXPOSED": HISTORICAL ROMANCE OF THE DEVELOPER OF MEMORY CARE CHILD PRACTICED BY THE SANTA CASA DE MISERICORDIA DE CAMPOS, RJ (1843 - 1864)

Graziela Escocard Ribeiro*

Resumo

A intenção deste trabalho é apresentar por meio deste romance “A Roda dos Expostos”, de Waldir Pinto de Carvalho, a história e a memória do abandono infantil que envolve o modelo de assistencialismo à criança delegado a Santa Casa de Misericórdia de Campos dos Goytacazes entre os anos 1843 - 1864. Partindo da concepção ousada e inovadora da terceira geração da Escola dos Annales, na utilização da literatura como fonte histórica, evoca-se para a sua análise elementos pertinentes e descritivos da história e memória do assistencialismo infantil sobre o âmbito do dispositivo de auxílio conhecido como “roda”.

Palavras-chave

Literatura. História e memória. Abandono infantil. Assistencialismo. Roda dos expostos. Santa Casa de Misericórdia de Campos.

Abstract

The intent of this paper is to present through this novel "The Wheel of Exposed," by Waldir Pinto de Carvalho, history and memory of child abandonment model that involves the welfare of children delegated to the Santa Casa de Misericordia de Campos dos Goytacazes between years 1843 to 1864. From the bold and innovative design of the third generation of the Annales school, the use of literature as historical source, conjures up for his analysis relevant and descriptive elements of history and memory of the child welfare on the part of the assistive device known as "wheel ".

Key words

Literature. History and Memory. Child abandonment. Welfarism. Wheel exposed. Santa Casa de Misericordia de Campos.

* Graduada em História pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO/Campos, com Pós-graduação em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense - IFF/Campos. Atuando como Tutora Presencial do Curso de Licenciatura em História pela CEDERJ/CECERJ/UNIRIO, no pólo Cantagalo e Historiadora do Centro de Memória da Santa Casa de Misericórdia de Campos dos Goytacazes. grazi.escocard@gmail.com

Corre o ano de 1843...

A Praça, que hoje se chama São Salvador, é conhecida pelo nome de “Praça Principal”. Essa área fronteira à antiga Matriz está coberta de relva fina sobre a qual pisaram, em outros tempos, os belos e fogosos corcéis das movimentadas Cavalhadas trazidas da Europa pelos portugueses. É toda arborizada, ladeada por filas de palmeiras, tendo no centro um formoso jardim todo cercado por altos gradis. Às suas entradas, pesados portões trabalhados sob o capricho dos melhores artesãos, que são fechados assim que o célebre sino da Cadeia anuncia o “toque de recolher. Encontram-se, entre as perfumadas flores, dois pássaros esquecidos, envolvidos por uma paixão ardente [...]. (CARVALHO, 1994, p. 18).

Estes dois pássaros esquecidos em meio a Praça São Salvador que o nosso esplêndido autor campista Waldir Pinto de Carvalho¹, refere-se é Carolina jovem moça bem educada desperta galanteios (filha de Amélia e Guilherme um ilustre comendador dos negócios de açúcar e aguardente) e Alexandre um reles artífice (filho de Inácia e Onório um pobre serralheiro). Estes são os personagens principais deste romance carregado de história e memória regional que oferecer uma alusão à triste saga de uma admirável instituição beneficente da cidade de Campos dos Goytacazes, a nossa Santa Casa de Misericórdia Campos.

No desenrolar do romance o casal apaixonado vive um romance proibido, um amor impossível, devido ao o preconceito social que imperava com muita naturalidade no período retratado. Sendo, portanto, coagidos a todo o momento a desistirem desta paixão devassadora que lhes cegam em relação à discrepância de posição social de suas famílias.

Desafiando a tudo é a todos Carolina e Alexandre continuam cultivando essa paixão com auxílio da negra Jacinta (serva e amiga) de Carolina. Como resultado dos encontros acobertados a moça de família foi desonrada, a ponto de anular com excepcional reputação de sua família.

O fato foi consumado como se presumia e como fruto deste amor entre um pobre artífice e uma moça pertencente à classe alta, uma criança nasce, mais

¹ Imortal da Academia Pedralva Letras e Artes, ocupando a cadeira de “Alberto Sampaio” e da Academia Campista de Letras, tendo como patrono “Amélia Gomes de Azevedo”. É ainda membro do Cenáculo Fluminense de História e Letras, sendo o primeiro titular da cadeira nº 44, patronímica de “Oliveira Vianna”.

precisamente uma menina. Indesejada pelo seu avô materno, para sua fatalidade a criança é entregue na “roda” dos expostos. Em companhia da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens a criança é batizada recebendo o nome de Isabel, em homenagem à santa protetora dos órfãos. Tendo sido entregue aos cuidados de Maria dos Anjos para ser sua zeladora e enfermeira.

A partir deste momento Isabel passa por uma desventura na qual lhe conduz até o reencontro com seus pais. No entanto o final não se resume somente no reencontro da família, mas em uma série de emoções.

Waldir Pinto de Carvalho entre a arte literária e a história regional em sua trama polêmica

[...] Veio para contar o que não faz jus a ser
glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.
É importuno e insiste,
rancoroso, fiel.
(ANDRADE, 2002, p. 23)

O poema de Carlos Drummond de Andrade ressalta a importância do papel do historiador na sociedade, de sua função, que é contar, esclarecer o que nem sempre é desejado, ou seja, que é importuno.

Ao utilizar tal tema tão polêmico Waldir Pinto de Carvalho pode ser “consagrado como um historiador criterioso e consciente”, conforme João Oscar menciona no Prefácio do romance “A Roda dos Expostos”. (1994, p. 11). Visto que para elaborar a trama o autor foi forçado a fazer uma pesquisa histórica sobre este dispositivo popularmente conhecido como “roda”, mostrando em sua obra como esta estranha forma de abandono funcionava. Levantando inconvenientes críticas sobre a problemática social do abandono infantil que envolve o modelo de assistencialismo à criança, delegado a Santa Casa de Misericórdia de Campos dos Goytacazes entre os anos 1843 até 1864.

Segundo a antropóloga Adriana Facina, “é necessário para aqueles que pesquisam literatura e literatos historicizar radicalmente seu objeto”. (2004, p. 9). Considerando essa afirmativa, cabe declarar que o romance “A Roda dos Expostos”, não proporciona somente distração, inspiração, instrução moral e estética, mas

também uma boa dose de história regional negligenciada.

Partindo da concepção ousada e inovadora da terceira geração da Escola dos Annales, que pode ser representada pela obra *Faire de l' Histoire*², na qual a história amplia seu campo e multiplica seus objetos de estudo. Possuindo, assim, novas abordagens através das alianças interdisciplinares como, por exemplo, entre a história e a literatura. Como afirma Jacques Le Goff & Pierre Nora:

[...] estar ligada a três processos: novos objetos colocam em causa a própria história; novas abordagens modificam, enriquecem, subvertem os setores tradicionais da história; novos objetos, enfim aparecem no campo epistemológico da história (1976, p. 12).

Portanto, o romance aqui tratado pode ser tomado como fonte histórica, servindo como suporte de certa experiência social passada, nesse caso, a experiência social de imaginar e de deixar essa imaginação registrada na forma de um texto literário.

A Santa Casa de Misericórdia de Campos e a “Roda”

A instituição Santa Casa de Misericórdia é fundada por uma irmandade religiosa, tendo como missão o tratamento e sustento a enfermos e inválidos. Sua orientação remonta ao Compromisso da Misericórdia de Lisboa³.

Devido, a necessidade de internação de pacientes destituídos de recursos ou recém-chegados ao Brasil, sem família e moradia, acarretou no século XVI, a criação das Santas Casas da Misericórdia, segundo os moldes da estabelecida em Lisboa. Multiplicando-se por todo o território brasileiro, exercendo um importante papel, tendo sido atribuídas a estas instituições diversas funções ao longo da

² Obra coletiva publicada em 1974, sob a direção de J. Le Goff e P. Nora, com o título *Faire de l' Histoire* (Fazer História), em três volumes, que reuniu os membros mais ilustres da Escola dos Annales, que procurarão dar conta do novo tempo que vive o movimento dos Annales. O primeiro volume trata dos “Novos Problemas”, o segundo dedica-se à análise das “Novas Abordagens” e o terceiro refere-se aos “Novos Objetos”.

³ O primeiro “Compromisso” foi impresso em 1516, provavelmente já reformado do original de 1499. Divido em capítulos se refere inicialmente às 14 obras de misericórdia, sendo sete espirituais: “ensinar os ignorantes, dar bom conselho, punir os transgressores com compreensão, consolar os infelizes, perdoar as injúrias recebidas, suportar as deficiências do próximo, orar a Deus pelos vivos e pelos mortos”; e sete corporais: “resgatar cativos e visitar prisioneiros, tratar os doentes, vestir os nus, alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, abrigar os viajantes e os pobres e sepultar os mortos”. Em 1618 ganhou mais 22 capítulos, trazendo uma descrição detalhada das funções e habilidades específicas exigidas a cada um dos integrantes.

história. Como por exemplo: abrigar crianças abandonadas ou órfãs, por meio de um dispositivo popularmente chamado de “roda”.

Como não poderia deixar de ser a cidade de Campos também foi contemplada com uma Santa Casa de Misericórdia edificada pela Irmandade Nossa Senhora Mãe dos Homens. Conforme, Alberto Lamego (1951) na Praça principal da cidade de Campos dos Goytacazes chamada depois de São Salvador, da qual foi desmembrada uma parte que recebeu o nome de Praça das Quatro Jornadas, foi construído um templo da Irmandade em 1786. Embora não concluído, o santuário por volta de 1790, já prestava ao culto divino e junto ficava o hospital “uma casinha terra de pau-a-pique e telha vã, com limitado número de leitos.” (1951, p. 13).

Neste local a Santa Casa de Misericórdia de Campos começou sua existência legal depois que a Irmandade teve o compromisso aprovado pela Rainha D. Maria I⁴, através de confirmação expedida pelo Conselho Ultramarino⁵ em 5 de julho de 1791.

Entretanto, somente em 21 de dezembro de 1792, foi afixado na Vila de São Salvador o edital em que por decisão régia, a Santa Casa de Misericórdia de Campos detinha as mesmas graças, regalias e isenções permitidas à do Rio de Janeiro.

Algumas atividades da Santa Casa de Misericórdia de Campos merecem um capítulo à parte, em virtude da importância que inseri suas relações com a história do assistencialismo, como por exemplo, a “roda” de expostos ou ainda conhecida pelas denominações de roda dos enjeitados ou excluídos.

Waldir Pinto de Carvalho em seu emblemático romance “A Roda dos Expostos”, cita:

A Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, tendo os seus olhos voltados para as aflições alheias, sob a égide do cristianismo e em boa, hora, cuida do grande hospital – A Santa Casa de Misericórdia, cuja história, por si só representa

⁴ Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana de Bragança foi Rainha de Portugal de 1777 a 1816, sucedendo ao seu pai, o Rei José I. Em Portugal ficou conhecida como “A Piedosa” ou “A Pia”, devido à sua extrema devoção à Igreja Católica. No Brasil, é conhecida pelo cognome de “Dona Maria, a Louca”, devido à doença mental manifestada com intensidade nos últimos anos de vida.

⁵ Organismo criado em 1642, sob regimento de 14 de julho de 1643, presidido pelo Marquês de Montalvão, então vice-rei do Brasil. Esse organismo acompanhou toda a expansão portuguesa no mundo, no planejamento de centralizar a administração de todas as atividades ultramarinas do Império Português.

um dos mais destacados capítulos da prática da caridade neste abençoado pedaço de Brasil. Algum tempo depois, anexo a essa instituição, surge, sob a inspiração dos bons sentimentos, uma outra não menos benéfica. Instala-se, então, no próprio seio da entidade hospitalar, RODA DOS EXPOSTOS, estabelecimento fundado, como dissermos, por obra do bem, mas que, infelizmente, lamentavelmente, não pode cumprir cem por cento o seu destino. Por culpa de uma míni-ma parcela da sociedade de então, vem a ser considerado um meio favorável à depressão moral, e isto por envolver na sua prática, ao lado da mais legítima forma de ajudar ao próximo, a sufocação do sentimento maternal. (1994, p. 17).

Segundo Alberto Lamego “a Santa Casa depois que teve o seu compromisso aprovado pela rainha D. Maria I obrigou-se a ter um recolhimento de órfãos, uma roda de expostos [...]”. Porém, “não tendo lugar para todas as crianças abandonadas, eram elas entregues a certas senhoras, que recebiam determinada quantia para a sua criação, mas nem todas cumpriam, com devotamento a sua missão”. (1951, p. 149).

De acordo com o memorialista Julio Feydit dentre as funções dos enfermeiros que trabalhavam na Santa Casa de Campos também cabia a obrigação de “recolher com todo o zelo e amor os expostos que lançavam então na porta, e depois na roda da Santa Casa e entregar ao mordomo, declarando o dia, a hora e os sinais do exposto”. (2004, p. 332 - 333).

A “roda” de expostos foi estabelecida na Santa Casa de Campos nos idos de 1819, por Luiz José Ferreira Tinoco⁶ e funcionou no mesmo prédio do hospital em uma de suas janelas laterais, como descreve Waldir P. de Carvalho:

Assim, por aquela famosa “janela” em forma de roleta que ficava próxima à esquina com a beira-rio, entraram na calada da noite, inúmeros seres anônimos, recém-nascidos, cuja origem ninguém jamais pôde saber, dada a envoltura do véu de pecados indignos de serem relatados nos confessionários. (1994, p. 18).

⁶ Não há muitas informações. Sabe-se que era natural do Prado, cidade de Portugal.



Figura 1: A roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia de Campos

Era possível identificar o local através de um símbolo em uma das janelas. Colocava-se a criança no interior desse cilindro, este girava, passando a sua abertura para o interior do prédio.



Figura 2: Antigo Prédio da Santa Casa de Misericórdia de Campos.

Julio Freydit (2004) relata a doação de uma quantia de 1:600\$00 réis⁷ anual da Câmara Municipal, para que não faltasse nada aos pequenos abandonados pelas famílias. Contudo, foi também encontrada outra ocorrência importante a venda de uma exposta chamada Isabel, através de sua ex-enfermeira Maria José de Jesus.

Demonstrando que além do abandono, algumas crianças sofriam com a maldade humana, como o caso de Isabel, que provavelmente serviu de inspiração para a trama do romance de Waldir P. de Carvalho.

⁶ Moeda portuguesa que circulou no Brasil desde o Período Colonial até ser trocada em 1942 pelo cruzeiro.

Entrada e saída das expostos

No livro “A Roda dos Expostos” há uma passagem que narra um festejo típico da cidade de Campos em comemoração ao dia de Santa Isabel. No dia 2 de julho:

Escortadas pela Irmandade, as belas jovens, decentemente vestidas, ocupam, de uma só vez, todas as sacadas. Dali, saltariam para o futuro. À frente da massa humana, estão filhos de família ou rapazes do povo, observando face por face, tentando descobrir, cada qual, aquela que poderá vir a ser sua companheira para o resto da vida. Por outro lado, ali se encontram, também, homens e mulheres movidos pela curiosidade ou interesses outros. (CARVALHO, 1994, p. 134).

Esta festa seria uma maneira de entregar as expostas maiores de idade a um bom destino. Expondo, assim, o cuidado com as expostas desde a entrada na “roda” até a o amparo no momento de saída da instituição, como uma forma de inserção social das expostas.

Aos meninos era reservado o envio para escolas militares quando possuíam de 7 a 12 anos. Recebendo assim, instrução primária e elementar além da disciplina militar.

Em 1864, ocorreu a mudança dos expostos para o Asilo da Lapa doado pelo Conde de Irajá, D. Manuel, Bispo do Rio de Janeiro que cedeu à Santa Casa o prédio e Igreja de Nossa Senhora da Lapa. O Asilo da Lapa serviu como recolhimento até os idos de 1950 quando o dispositivo a roda foi abolida definitivamente em todo o país, como garantir Maria Luiza Marcilio:

A roda de expostos foi uma das instituições brasileiras de mais longa vida, sobrevivendo aos três grandes regimes de nossa História. Criada na Colônia perpassou e multiplicou-se no período imperial, conseguiu manter-se durante a República e só foi extinta definitivamente na recente década de 1950! Sendo o Brasil o último país a abolir a chaga da escravidão, foi ele igualmente o último a acabar com o triste sistema da roda dos enjeitados. (2009, p. 53).

Infelizmente, mesmo depois da extinção deste dispositivo, o problema do abandono continua das mais variadas e cruéis formas possíveis.

Referências

ANDRADE, C. D. *O historiador*. In: _____. *A paixão medida*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CARVALHO, W. P. *A Roda dos Expostos*. Niterói: Clube de Literatura Cromos, 1994.

FACINA, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FEYDIT, J. *Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes: desde os tempos coloniais até a Proclamação da República*. Atualizado e ilustrado por Hylze Peixoto Diniz Junqueira. Gráfica Luartson, reedição 2004.

LAMEGO, A. *História da Santa Casa de Campos*. Rio de Janeiro, 1951.

LE GOFF, J.; NORA, P. *Faire de l' Histoire*. Paris: Gallimard, 1974. 3 v.

MARCILIO, M. L. *A Roda dos Expostos e a Criança Abandonada na História do Brasil (1726 - 1950)*. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

